

## **TRANSCRIÇÕES**

# **Excursão à Região Colonial Antiga do Rio Grande do Sul**

**ORLANDO VALVERDE**

Chefe da Secção Regional do Leste,  
do CGN.

(Continuação do Bol. n.º 1)

### **VIII — A AGRICULTURA SUBURBANA**

Nas circunvizinhanças de Caxias do Sul ocorre, como é natural, um tipo de agricultura mais evolucionado, mais intensivo do que em geral, no resto do planalto. Ao contrário, porém, do que se poderia esperar dada a proximidade de um mercado, não se dá ênfase especial nesta área à horticultura nem à produção de leite. Este vem quase todo das colônias alemãs; existem no planalto poucas propriedades que criam gado leiteiro.

O traço fundamental da agricultura suburbana ao redor de Caxias do Sul é a cultura da uva. Ela é cultivada também nos arredores dos aglomerados mais impor-

tantes, como São Marcos, por exemplo.

A introdução da uva no planalto é consequência do hábito que os italianos trouxeram, de ter sempre às refeições o seu copo de vinho. Essa introdução não se fez sem dificuldade. A princípio, alguns colonos trouxeram junto com sua bagagem algumas sementes de uvas finas. Os primeiros parreirais vieram dessas sementes. Mas estando fora de seu **habitat natural** — o Mediterrâneo — as parreiras exigiam muito maiores cuidados e os colonos, habituados ao cultivo rotineiro, não sabiam proporcioná-los. Assim, as primeiras viñas foram facilmente destruídas pelas pragas.

Durante certo período, toda a agricultura do Planalto foi muito semelhante



**Fig. 25 — Parreiral de uvas finas nos subúrbios de Caxias do Sul. Notar o terracamento. (24-2-948 — Foto Prof. Waibel)**

à das áreas mais atrasadas de colonização alemã: nenhuma cultura permanente, só a lavoura de tipo indígena.

Mais tarde colonos italianos descobriram que no vale do Caí alguns colonos alemães cultivavam a uva Isabela, da qual obtinham vinho de mesa para consumo doméstico.

A uva Isabela é proveniente da Califórnia. Foram os jesuítas espanhóis, os introdutores da vinha nessa região da América, através do México. Em suas missões religiosas, as parreiras eram cultivadas pelos índios, que adotavam práticas muito primitivas, deixando-as quase selvagens. Daí se originou provavelmente a rusticidade, a resistência às pragas que caracteriza a uva Isabela.

Foi o advento da uva Isabela no planalto que marcou o início do progresso contínuo que aí teve a viticultura até hoje.

Embora a maioria dos colonos ainda

mantenha atualmente os mesmos métodos rotineiros no cultivo da uva Isabela, o movimento para o emprêgo de métodos racionais e para a cultura de castas nobres toma corpo cada dia. Foi ainda a parreira Isabela, com seu raizame resistente à filoxera, que forneceu o cavalo para o enxerto de variedades finas.

Para fazer idéia do adiantamento a que já chegaram alguns viticultores, visitei o parreiral de um que se dedica há oito anos ao cultivo da uva moscato exclusivamente. A vinha está plantada numa encosta voltada para o norte, a fim de conseguir maior insolação, bem como proteção contra os ventos do sul, que aqui são violentos. Para completar a defesa, uma cerca viva foi plantada do lado do sul do parreiral, no alto da encosta. Onde o declive do terreno é mais forte, há muralhas de arrimo feitas de pedra seca (sem argamassa) para proteger o terraceamento. O terreno não é limpo de pedras.

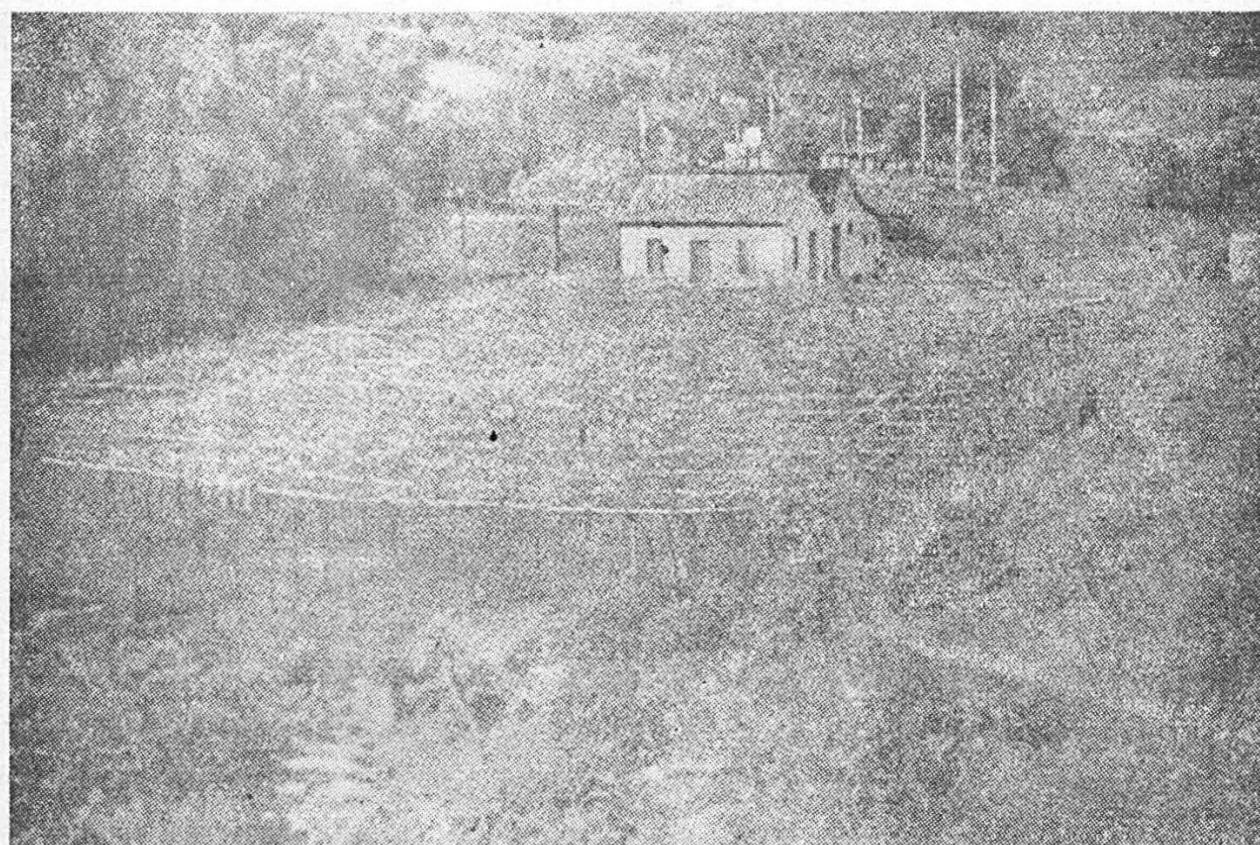


Fig. 25A — Parreiral em Azambuja, colônia italiana no sul de Santa Catarina. As vinhas no outono perdem suas fôlhas (6-5-947 — Foto Leo Weibel)

A quantidade de trabalho que um parreira como êste representa, traduz-se por uma grande valorização das terras. Um terreno como o do nosso entrevistado custaria atualmente 20 000 a 25 000 cruzeiros. Entretanto êle nos declarou que, se fôsse vendê-lo agora, com as benfeitorias nêle introduzidas, só o faria por 600 000 a 700 000 cruzeiros. O vinhedo existente no lote ocupa sómente 3,5 hectares, que produzem 40 000 quilos de uvas, as quais resultam por sua vez em 300 hectolitros de vinho (figs. 25 e 25A)

A uva proporcionou aos colonos do planalto, uma cultura permanente e o principal produto agrícola comercial. Entretanto, ela representa uma parcela muito pequena na balança de exportação dos municípios serranos. Caxias do Sul, por exemplo, exporta alguma uva para Pôrto Alegre e um pouquinho para o Rio de Janeiro. Isto porque é o vinho que constitui o grande produto de exportação.

Em 1954, o valor da produção das indústrias da alimentação do município de Caxias do Sul foi de 130 milhões de cruzeiros. Dêsse valor, 44 milhões, ou seja, um terço, foi representado pelo vinho.

O florescimento da indústria do vinho cujo principal centro está em Caxias do Sul, é indicado pelo grande número de cantinas que existem nessa cidade, algumas das quais pela sua importância, organização e limpeza, podem ser comparadas, sem desdouro, às boas cantinas europeias, tais como as cantinas Antunes e Michelon (fig. 26).

A cultura da uva não é, entretanto, a única lavoura permanente nos arredores de Caxias do Sul. Onde o relêvo é maduro pratica-se também o cultivo do vime, ao qual os colonos já deviam estar habituados, porque êle é muito disseminado no vale do Pô. Esta planta só cresce nos lugares úmidos, porém não estagnantes. Por isso, muitos vales é cabeceiras de cór-

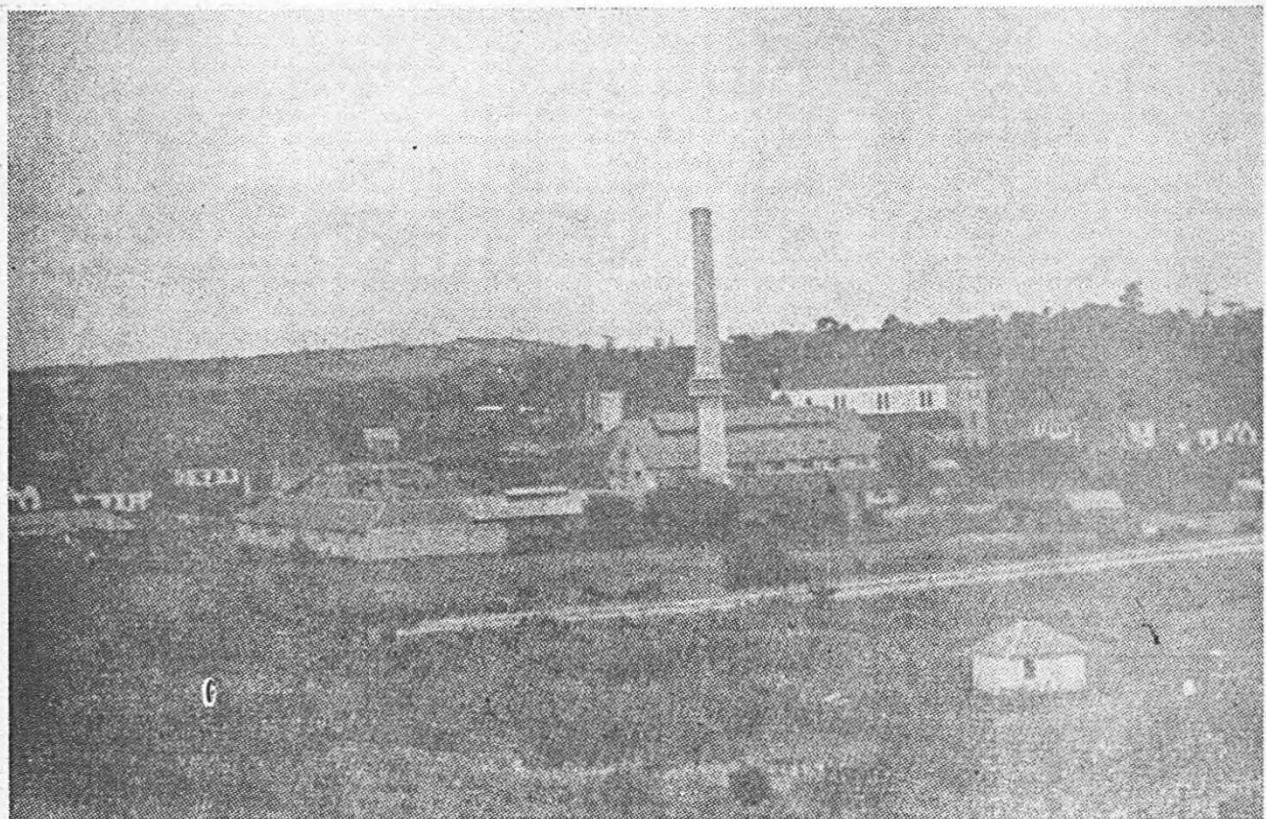


Fig. 26 — Cantina Michelon, nos arredores da cidade de Caxias do Sul. No mesmo grupo de edifícios funcionam uma fábrica de garrafas e um curtume  
(27-2-948 — Foto Léo Waibel)

regos em que a drenagem não é muito difícil, são plantados com touceiras de vime. As nascentes perfeitamente planas, com solo turfoso, não servem para o seu cultivo e são deixadas em várzea. O vime não exige nenhum cuidado senão plantar e colhêr. Por conseguinte adapta-se perfeitamente ao tipo de lavoura extensiva que predomina no planalto. Além disso, a sua produção é altamente compensadora: um hectare de vime produz 5 000 a 5 500 quilos, que são vendidos à razão de Cr\$ 2,30 o quilo.

## IX — A AGRICULTURA NA BORDA DO PLANALTO

Denominamos borda do Planalto à faixa que se estende ao longo da estrada de rodagem que liga Caxias do Sul a Emboaba. Do lado norte da estrada há várias bacias de recepção com declives suaves, algumas de fundo chato, ou então vales maduros dos rios conseqüentes. Mas os vales que drenam para o sul são em geral profundamente entalhados.

Como o resto do Planalto, esta zona está incluída na *tierra fria*. Em Emboaba que está a 700 metros de altitude, começa a *tierra templada*. Aí vemos as primeiras palmeiras, embora plantadas.

Comparada com as outras áreas de colonização italiana, a paisagem desta parte apresenta diferenças substanciais. A diferença principal consiste na grande difusão que tem aqui o cultivo do eucalipto. É verdade que êsses eucaliptais não são comparáveis aos que vimos, por exemplo entre Caí e São Leopoldo. São antes bosques menores, espalhados entre as lavouras. O plantio da acácia negra é feito aqui em muito menor escala e parece ter um desenvolvimento recente. A lenha do eucalipto é vendida como combustível para a estrada de ferro. Esta é, pois, a grande responsável por essa transformação da paisagem. Mas a influência da ferrovia não se limita a isso.

Nas áreas de colonização italiana, a industrialização se fez geralmente dentro e em torno dos grandes centros, como em Caxias do Sul, por exemplo. Nas zonas rurais a agricultura usa métodos rotineiros exceção feita da cultura da vinha.

Aqui porém, a estrada de ferro possibilitou a difusão de pequenos centros industriais. O Frigorífico Rizzo é um exemplo. Produz banha e derivados do suíno. E a região circunvizinha não emprega métodos primitivos da lavoura; é antes uma área de agricultura comercial.

O sistema agrícola adotado é ainda o de rotação de terras. A rotação predominante é a de milho e capoeira, porém a longo prazo. Por isso, vêem-se com frequência, aqui e acolá, manchas de capoeira alta.

Esse sistema de lavoura, que denominamos «rotação de terras melhorada», trouxe mais prosperidade, apesar do solo ser pobre. Há mesmo campos de milho arados. Este aperfeiçoamento no uso da terra está relacionado à proximidade da estrada de ferro, bem como às condições de mercado.

O arroz e o trigo também são muito cultivados na Borda do Planalto pelo processo da rotação de terras. O arroz é, porém, uma cultura de verão, ao passo que o trigo é uma cultura de inverno. Os dois cereais são cultivados na mesma roça, um em seguida ao outro.

O cultivo do arroz é outro elemento que distingue esta região do resto da área colonial antiga do planalto, onde a sua lavoura não é praticada. A altitude máxima em que encontramos campos de arroz na Borda do Planalto foi de 750 metros.

A produção de frutas temperadas também é muito importante. Há muitas plantações de uvas, marmelos, pêras e maçãs. As duas primeiras não se limitam a esta região; descem pela encosta abaixo. A pêra e a maçã, entretanto, limitam-se ao planalto, porque são características da *tierra fria*.

Perto de Emboaba, certamente em virtude da influência devida à proximida-

de dos alemães da encosta, já existem pastos plantados e criação de gado leiteiro.

Os dois aglomerados mais importantes da Borda do Planalto são Farroupilha e Esmeralda.

### FARROUPILHA

A planta de Farroupilha pode ser comparada humoristicamente a uma minhoca posta sobre um tabuleiro de xadrez (fig. 27). A rua principal, com maior número de casas, forma uma linha sinuosa,

indiferente à rede ortogonal das demais ruas. Essa rua principal é justamente a mais antiga\*, e nada mais é do que a primitiva estrada, ao longo da qual se originou a cidade. O núcleo foi, portanto, a princípio, uma tipica **Strassendorf**.

Mais tarde, provavelmente depois da chegada da estrada de ferro, foi feito o plano urbanístico para Farroupilha, segundo o tradicional traçado de ruas perpendiculares.

A cidade está a 770 metros de altitude.

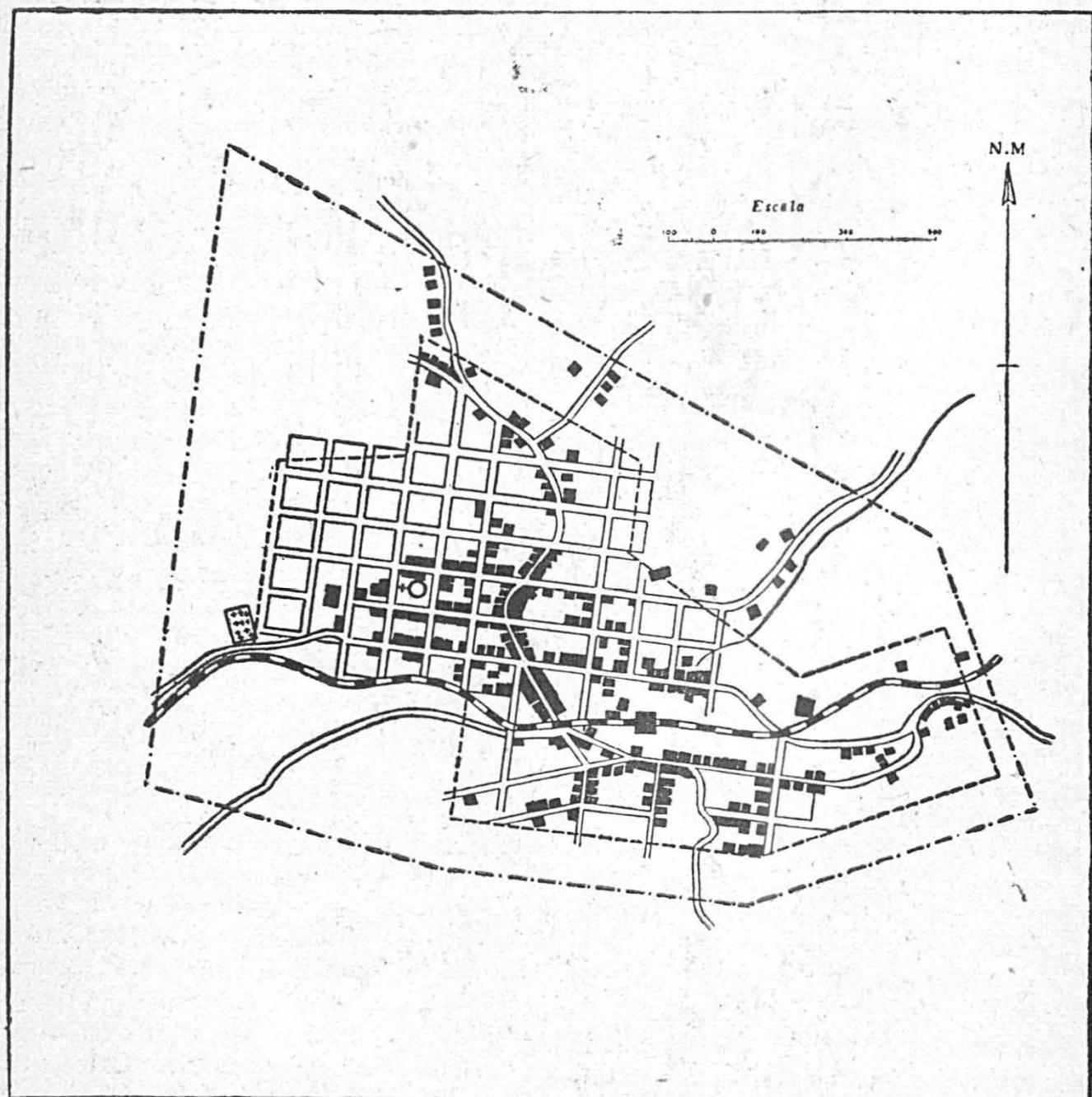


Fig. 27 — Planta de Farroupilha.

### EMBOABA

Emboaba é um pequeno núcleo urbano, sede distrital, no entroncamento de duas estradas (fig. 28). Foi ao longo da via principal, a estrada estadual Júlio de Castilhos, que o núcleo mais se desenvolveu. E'

ponto de convergência das duas estradas, a praça central, em torno da qual foram construídas algumas casas.

Certas construções em Emboaba, revelam, no seu estilo arquitetônico, a influência cultural italiana.

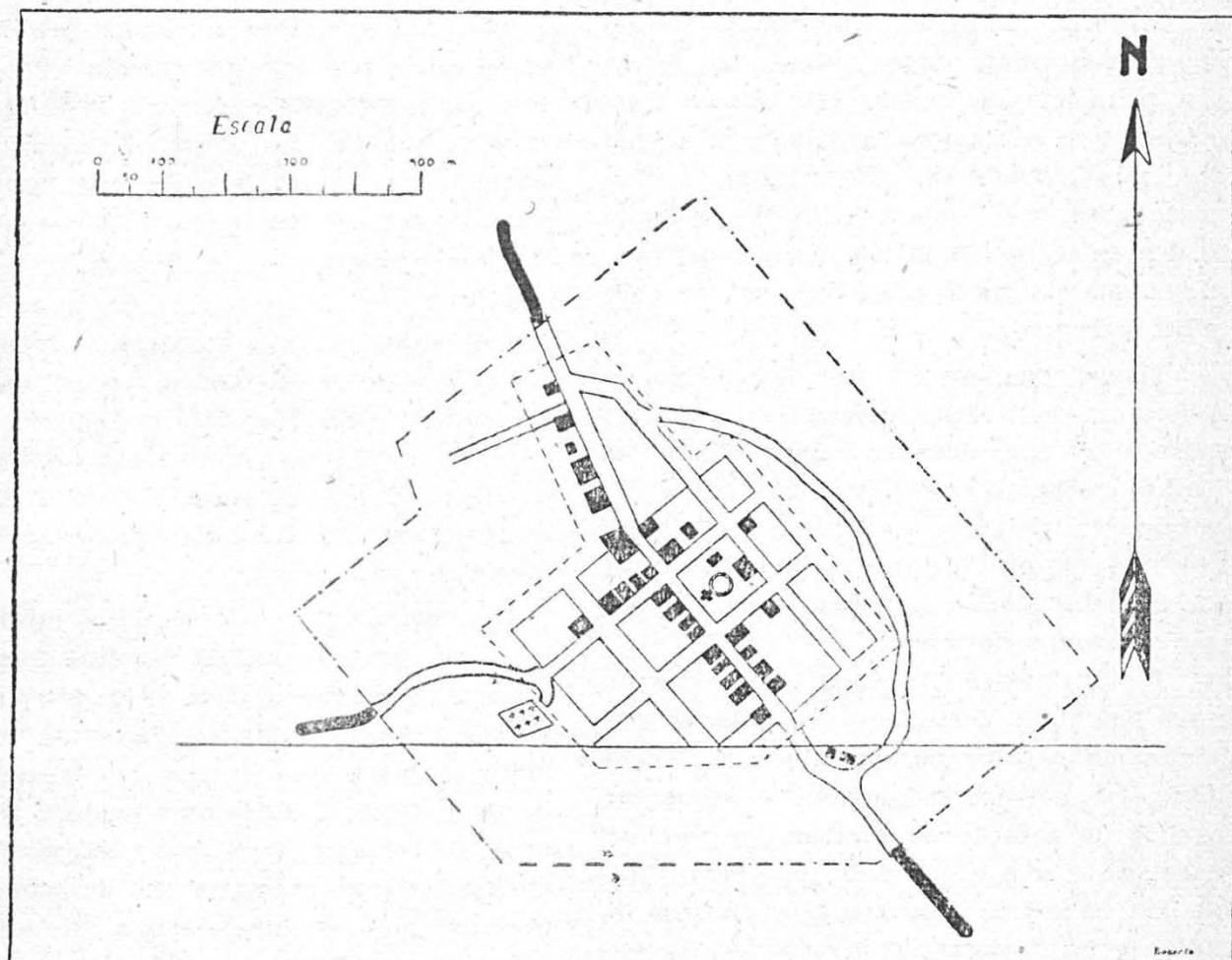


Fig. 28 — Planta de Emboaba

possível que Emboaba tenha sido primitivamente uma Strassendorf e só mais tarde tenha crescido ao longo da estrada menos importante. Foi provavelmente um pouso para as carroças dos colonos que, vindos do planalto, ali pernoitaram para descer a serra ao amanhecer. Para os que subiam a encosta, seria o justo descanso depois de uma dura jornada. Tudo isto, são simples hipóteses que só a coleta de mais fatos sobre a história de Emboaba, virá confirmar ou não.

Com o plano urbanístico da cidade em ruas perpendiculares, surgiu, junto ao

### X — A AGRICULTURA NAS PARTES REMOTAS DO MUNICÍPIO DE CAXIAS DO SUL

Assim como na Baixada e na Encosta da Serra, as zonas providas de comunicações puderam progredir mais na agricultura ou na indústria, também na região de Serra Acima a superioridade econômica da Borda do Planalto sobre as outras áreas rurais, pode ser explicada pelas facilidades de transporte.

Nos lugares mais afastados, que ficam ao norte e a leste da cidade de Ca-

xias do Sul, as comunicações com os centros mais adiantados são escassas; as populações vivem isoladas culturalmente. Em consequência, o sistema agrícola aí usado, manteve o seu caráter primitivo. Ele apresenta notável semelhança com o sistema adotado pelos alemães da parte superior da Encosta da Serra. À medida que os contatos culturais vão sendo feitos nas cidades mais importantes e ao longo das principais estradas, este sistema agrícola vai sendo gradualmente removido das suas redondezas. Entretanto, é chocante observar como a primitiva rotação de terras se tem mantido mesmo nas proximidades de Caxias do Sul, ao lado da cultura da uva.

Nos primeiros tempos da colônia, o milho era cultivado consecutivamente no mesmo terreno, durante seis a dez anos. Então, quando o solo dava mostras de esgotamento, deixava-se a terra em pouso durante dois ou três anos. Findo este prazo, derrubava-se a capoeira para dar lugar ao campo de milho.

Naturalmente, passado certo tempo uma baixa na fertilidade do solo se fêz sentir em caráter permanente. Em vista disso, os colonos passaram a aumentar o ciclo da rotação das terras, de maneira a deixar o solo repousando por mais tempo em capoeira, e alternar a cultura do milho com culturas de inverno, a do centeio, da cevada e do trigo.

Assim foi evolvendo a rotação de terras. Hoje é feita geralmente da forma seguinte:

Capoeira — 6 a 8 anos;	
Milho — uma colheita	1 ano
Trigo — uma colheita	
(logo em seguida)	

Em primeiro lugar, derruba-se a capoeira que é queimada sem sequer se fazer coivaras. A queima é feita em setembro. Em outubro se planta o milho, que é colhido em maio. Logo depois, de maio a meados de julho, é plantado o trigo, que é colhido em dezembro. Terminada a co-

lheita do trigo, o campo é deixado em capoeira durante 6 a 8 anos.

Os campos de cultura não são cercados; para se evitar a entrada do gado cercam-se os potreiros.

Existem caminhos muito rústicos, que permitem ao colono ir de carro de sua casa às roças.

Os instrumentos agrícolas utilizados são o arado pequeno e a enxada. Os colonos não empregam estérco na lavoura. Alguns conseguem um pouco no potreiro e o colocam na horta, que fornece verduras para o consumo doméstico.

Antigamente, os primeiros lotes coloniais foram demarcados com uma área pouco maior que 63 hectares. Depois, a pedido dos próprios colonos, que se sentiam demasiadamente isolados, o tamanho dos lotes foi sendo progressivamente reduzido para 44, 30 e finalmente 25 hectares, que se têm mantido até hoje como superfície média do lote colonial.

Atualmente, um desses lotes médios é, em geral, aproveitado da seguinte maneira: 4 hectares são ocupados pelo potreiro; 2 hectares são plantados em parreiral, que dá vinho e uvas para consumo doméstico, e 19 hectares ficam destinadas à lavoura em rotação de terras. Cérca de 3 hectares ficam em cultivo e as capoeiras são derrubadas e lavradas num espaço de seis a sete anos.

A primeira vista, a área do potreiro nos parece desmesurada. Mas depois comprehende-se que este seja o tamanho habitual, visto que o pasto não é cultivado. Os animais pastam na capoeira baixa.

Esta é infelizmente, a paisagem que encontramos numa região que é uma das nossas principais produtoras de trigo. Ne-la se pratica uma agricultura de molde tipicamente indígena. É exatamente esse o sistema agrícola praticado pelos índios da Guatemala que também produzem trigo.

Frequentemente lemos nos jornais do Rio de Janeiro artigos e sueltos escritos por patriotas do lápis e do papel, anun-

ciando que o Brasil produzirá trigo em escala igual à da Argentina. A verdade é que, até agora, na maioria das zonas produtoras de trigo do Brasil que conheço, este cereal é produzido em rotação de terras, conjugado com a cultura do milho, conforme foi explicado acima. Este sistema é muito extensivo, tornando portanto a produção de trigo extremamente reduzido (20). Se quisermos, por conseguinte, livrar-nos da competição argentina no mercado nacional, devemos antes de tudo mudar o nosso sistema de exploração de terra: da rotação de terras para a rotação de culturas. Devemos ter em mente que a Argentina pratica uma agricultura de tipo europeu.

Conforme foi referido acima, o relevo maduro não ocupa todo o Planalto. Descendo alguns vales, passa-se repentinamente, por uma cachoeira, do ciclo de erosão antigo para um trecho rejuvenescido. Neste trecho, o perfil transversal dos vales se assemelha ao dos vales da Encosta da Serra: o **trapp** forma terraços estruturais e o rio corre no fundo de um **cañon**. Também há semelhanças no aproveitamento da terra. As encostas desses vales são quase todas cultivadas a tal ponto, que só se vêem restos de mata onde a escarpa é quase vertical. A lavoura é tipicamente indígena; não há o menor indício de proteção à natureza, defesa contra a erosão, ou coisa que se assemelhe. Da ponte da Estrada Federal sobre o rio São Marcos, che-

gamos a ver roças de milho cultivadas em declive de 60º!

Nesses vales rejuvenescidos, as duas culturas permanentes do planalto desaparecem: não há uvas, nem vime. Pratica-se quase exclusivamente a monocultura do milho em rotação de terras.

Adaptando-se a topografia, o povoamento no vale do São Marcos se distribui de maneira singular. As casas de residência estão todas no segundo nível abaixo da superfície do planalto. Aí, a amplitude dos patamares permitiu facilmente a instalação das casas. Mas como as lavouras vão até muito mais abaixo nas vertentes íngremes do vale, existem pequenas casas aqui e acolá que servem de pouso para os lavradores na época dos trabalhos agrícolas. Aí eles ficam durante os dias de trabalho e só voltam à casa de residência no fim da semana.

## XI — OS NUCLEOS DE POVOAMENTO RURAL DO MUNICIPIO DE CAXIAS DO SUL

### Galópolis

As considerações feitas a propósito da cidade de Caxias do Sul não se aplicam geralmente a Galópolis. Este núcleo urbano deve sua origem a um grupo de operários que, descontentes com questões sociais surgidas num lanifício de Schio, no norte da Itália, deliberou emigrar para o Brasil. A-

19 Vários: *Cinquentenário...*, p. 197.

20 A princípio, eu julgava que a produção média de trigo por hectare cultivada fosse muito inferior quando se aplicava um método agrícola extensivo em vez dum intensivo. Mas, comparando a produção média de trigo por hectare em Caxias do Sul, que é de 1 230 quilos ( dado fornecido pela Agência Municipal de Estatística), com a produção unitária das principais províncias tritícolas da Argentina no ano agrícola de 1939-40 **Anuário Geográfico Argentino**. Comitê Nacional de Geografia, Buenos Aires, 1941, p. 208), fui levado a concluir que o sistema agrícola não influi na produção por hectare cultivado. Caxias do Sul, pode comparar-se às principais províncias argentinas produtoras de trigo.

A produção absoluta de Caxias do Sul é que é relativamente baixa; porque na rotação de terras uma área qualquer fica durante 6 a 7 anos sem produzir trigo, repousando em capoeira. E se o calor fôr reduzido, a fertilidade do solo decai, e com ela a produção por hectare.

qui, eles montaram na primeira década desse século, uma cooperativa e fundaram um lanifício numa linha colonial do atual município de Caxias do Sul. A esse grupo se associou depois outro italiano, chamado ERCOLE GALLO, que acabou tor-

nificado. A importância desse estabelecimento para o aglomerado é evidenciada tanto pela planta, como pela fotografia de Galópolis (figs. 29 e 30). Pela sua função Galópolis, é por conseguinte, uma cidade, pois sua população trabalha, na maio-

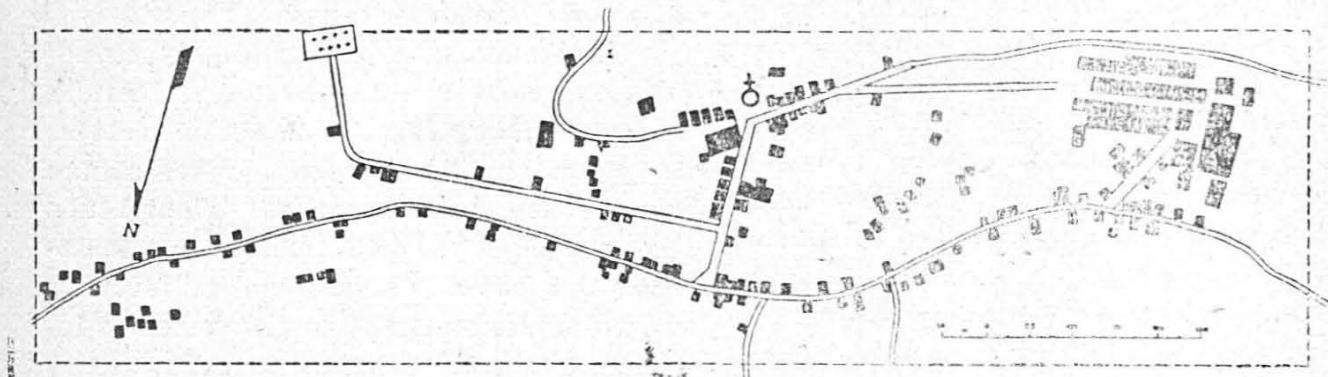


Fig. 29 — Planta de Galópolis. Ao longo da estrada principal (na parte inferior da planta), as casas se alinham como numa típica «Strassendorf». Os grandes edifícios à direita são ocupados pelo lanifício. Quando foi criada a função industrial, um novo padrão de distribuição das casas, indiferente à estrada, se superpõe à antiga Strassendorf.

nando-se o proprietário único da fábrica. Sob a direção dele o estabelecimento muito se desenvolveu. O próprio núcleo urbano, dêle derivou o seu nome.

A vida de Galópolis está como sempre esteve estreitamente vinculada ao la-

ria, dentro do próprio núcleo, na fábrica de tecidos.

Antes do estabelecimento da indústria, as casas de Galópolis se estendiam ao longo da estrada que conduz a Caxias do Sul. Os habitantes que eram agricultores,



Fig. 30 — Galópolis vista do Sul. A cidade está num fundo de vales e montante de uma cachoeira com cerca de 100 metros de queda vertical. A chaminé que se vê pertence ao lanifício. Notar as encostas íngremes e os terraços estruturais cobertos de eucaliptais, milho e capoeira. Vêem-se uma ou duas casas de dois pavimentos.

Foto do autor — 29-2-948).

GALÓPOLIS

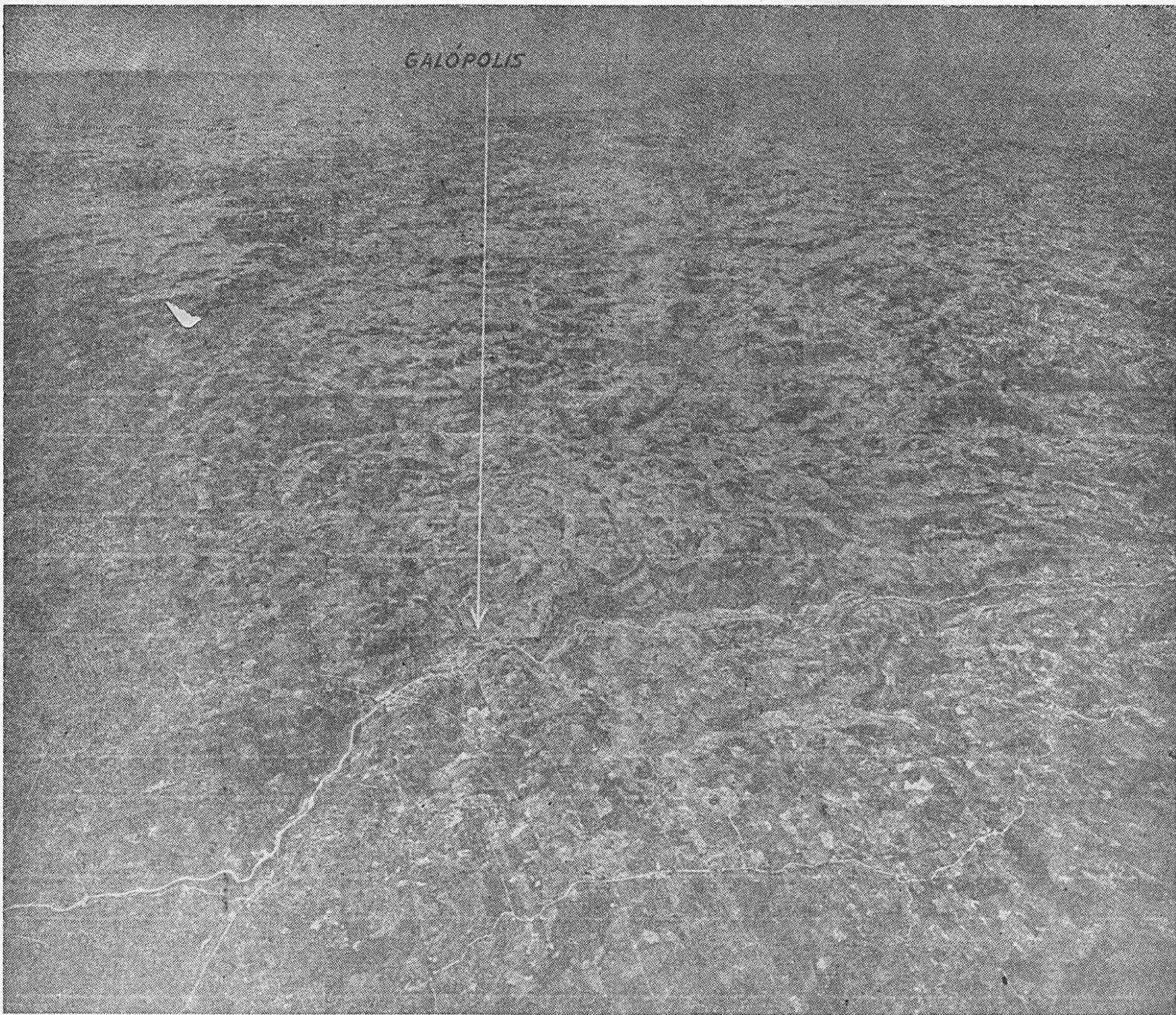


Fig. 31 — Fotografia aérea da Encosta da Serra nos arredores de Galópolis, olhando para leste. A linha branca que atravessa a fotografia de um lado a outro é a Estrada Federal. Golópolis, indicada por uma seta, está situada a montante do trecho rejuvenescido, onde uma cocheira foi parcialmente captada para fornecer energia ao Ianifício. Para jusante, o vale se entalha num cañon. Nas encostas vêem-se os terraços estruturais com seus «debruns» de mata que dão a impressão de terraceamento para defesa contra a erosão. E' a paisagem geral da Encosta da Serra. Sobre o planalto, na direção leste-oeste, percebem-se linhas paralelas de separação das propriedades, de maneira que os campos de cultura e as capoeiras ficam enfileirados. Os lotes são retângulos e as casas estão situadas no meio do lado que dá para a estrada. Ao longe, à esquerda, divisa-se uma grande mancha clara formada pelos campos de Cima da Serra. A tonalidade da vegetação dos campos é diferente da das zonas devastadas. Isto permite que a vegetação seja rigorosamente mapeada, uma vez que se disponha de fotografias aéreas (Foto American Air Force)

estavam em dependência imediata dessa comunicação. Nessa época, talvez Galópolis não constituísse nenhum aglomerado.

Quando foi criada a função industrial a dependência da comunicação com Caxias do Sul se tornou secundária para os habitantes do lugar. Em conseqüência, um novo padrão de povoamento, independente, indiferente à estrada, se superpõe à antiga **Strassendorf**.

A posição de Galópolis, está relacionada à mão de obra dos colonos, embora afastada da matéria prima.

Nada mais claro, entretanto, do que o critério que presidiu à escolha do sítio da cidade. E' um exemplo didático. Ela está instalada num fundo de vale, justamente onde se inicia o ciclo de erosão mais antigo (fig. 31). A erosão remontante, atuando sobre as camadas aproximadamente horizontais do **trapp**, formou uma queda d'água vertical, a jusante para fornecer energia à fábrica. Por isso, tanto esta quanto o núcleo, estão localizados junto ao salto e a montante dêste, onde o relêvo é menos enérgico.

#### São Marcos

A vila de São Marcos foi primeiramente ocupada por 450 famílias, dentre

as quais as polonesas tinham esmagado a maioria; por isso, o lugar era denominado «São Marcos dos Polacos». Cada família recebeu apenas meia «colônia», o que é evidentemente pouco para o sustento de cada família, quando se aplica o sistema de rotação de terras. Os poloneses, então, uma vez devastadas as matas dos lotes respectivos, venderam-nos aos italianos das vizinhanças. Ainda hoje há em São Marcos casas antigas que, pela inclinação dos telhados, lembram a influência dos polacos, pois este é um traço característico das habitações rurais da Europa Central. As casas são geralmente feitas de tábua.

Atualmente, São Marcos é habitada quase sómente por italianos. A proporção que estes chegaram, os polacos iam emigrando para o estado do Paraná.

As ruas da vila tem um traçado perfeitamente ortogonal, o que indica que o núcleo foi planejado desde o início (fig. 32).

O núcleo está localizado perto do limite do rejuvenescimento da erosão no arroio São Marcos e também da borda da mata.

A construção da rodovia Getúlio Vargas, que passa junto à vila, teve uma tremenda influência no seu progresso. Foram

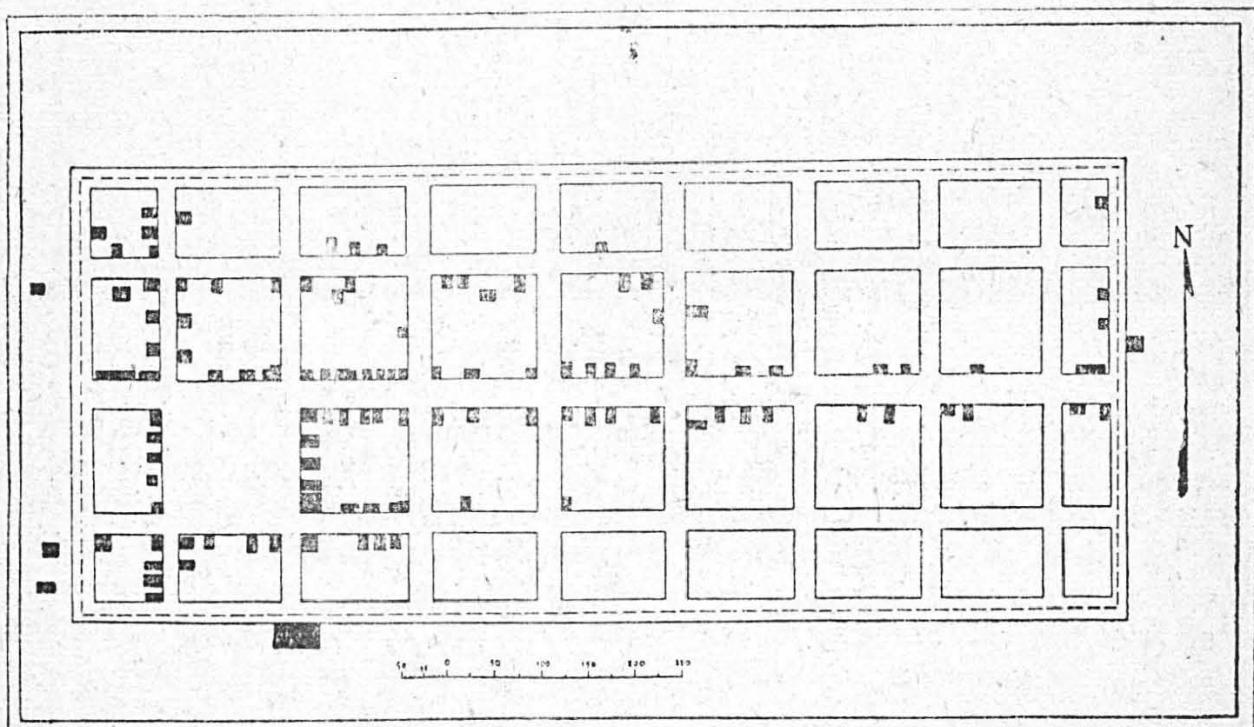


Fig. 32 — Planta de São Marcos

construídos desde então muitos edifícios novos. Situada perto da borda da mata, mas dentro desta, a 705 metros de altitude São Marcos tem pinheiros em abundância à sua volta, que servem de matéria prima à sua incipiente indústria de móveis. O trigo e o vinho são os principais produtos do distrito. Em torno da vila, desenvolveu-se um «anel» de agricultura melhorada; com parreirais bem cuidados, semelhante ao de Caxias do Sul, porém mais reduzido.

#### Ana Rech

Ana Rech é uma vila de aparência

ram se aglomerando espontâneamente ao longo do caminho carroçável, dando origem a uma **Strassendorf** irregular (fig. 34).

#### Sêca

A vila Sêca estende-se ao longo de duas estradas retas, que se entroncam oblíquamente: a de Caxias do Sul a São Francisco de Paula e a estrada do Apanhador (fig. 35) Lá, tive oportunidade de entrevistar o Sr. Pedro Balbinotti, um dos primeiros habitantes do local. Ele contou que o lugar tem cerca de 30 anos. Há 40 anos, ele se estabeleceu com um curtume exatamente no li-

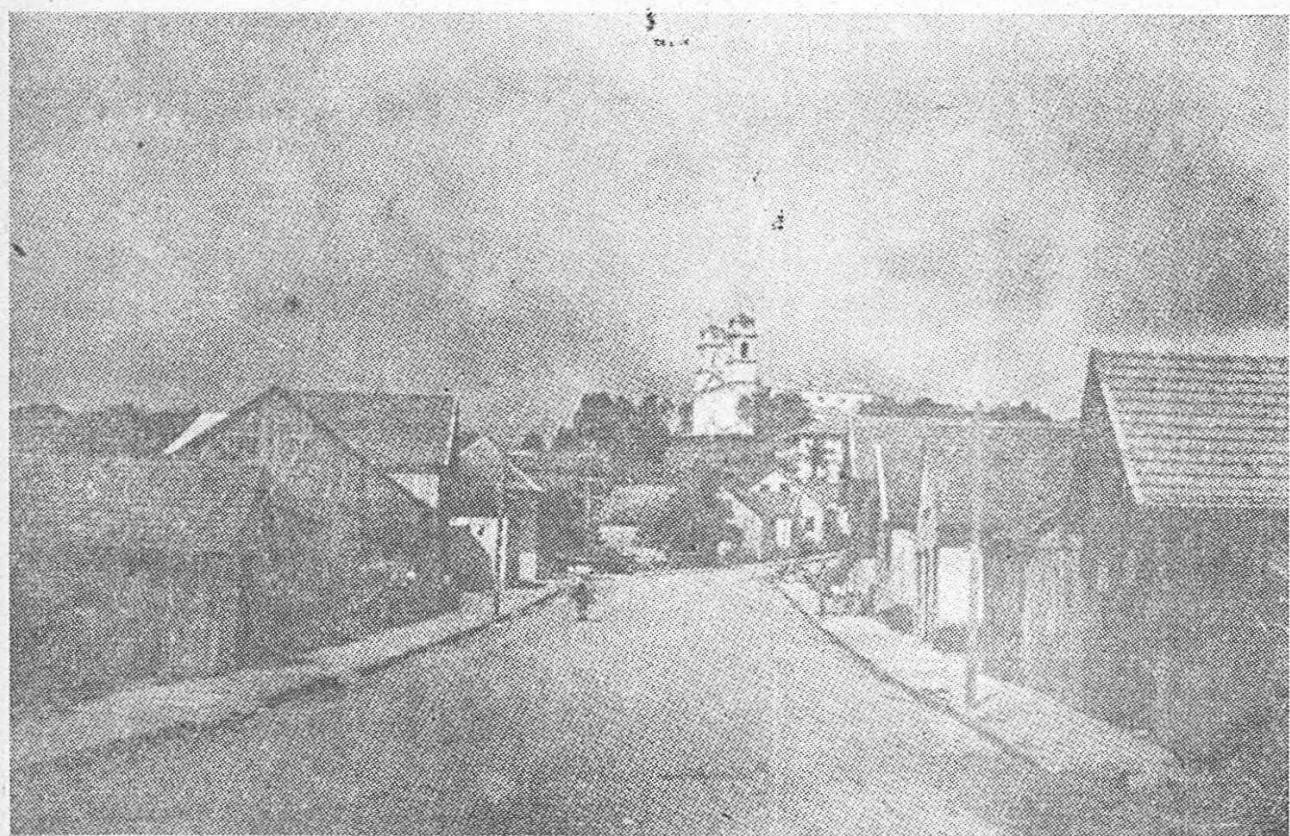


Fig. 33 — Vila de Ana Rech

próspera (fig. 33). Tem um moinho de trigo, serrarias e um hotel de veraneio de bom aspecto. No centro do aglomerado, na parte mais alta, está a igreja e, pouco abaixo, uma escola normal. O núcleo nasceu há cerca de 70 anos. Teve origem dentro do lote que foi concedido a ANA RECH, vinda dos Alpes, uma das pioneiras da colonização italiana. Nestas condições, fo-

mite do campo. Depois, mudou-se para o ponto em que se encontra atualmente a vila, montando um comércio no entroncamento das duas estradas. Segundo acrescentou o entrevistado, todo o comércio da vila Sêca é feito com o campo, vindo gente fazer compras até de Aparados da Serra.

E' possível que haja também um movimento comercial em sentido contrário,

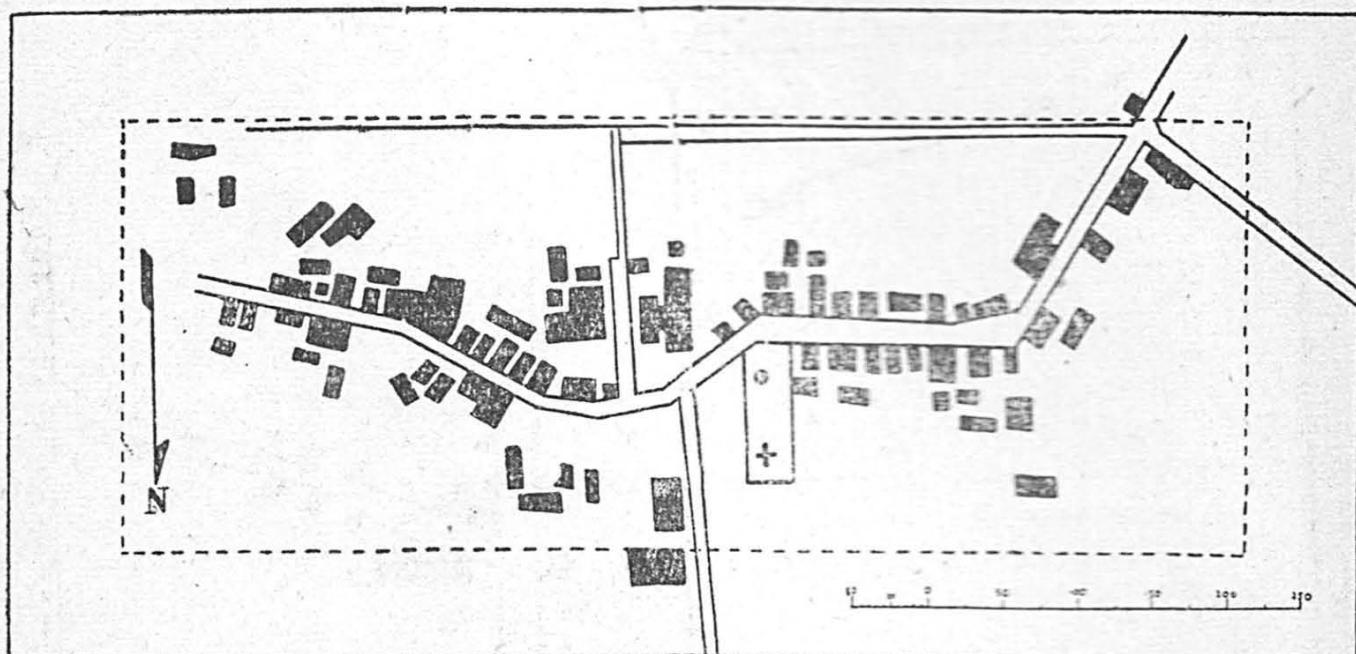


Fig. 34 — Planta da vila de Ana Rech

isto é, do campo para a mata, através da vila Sêca, como entreposto.

A posição da vila Sêca é, por conseguinte, fácil de explicar: ela está na borda do campo, fazendo intercâmbio com produtos comprados na zona da mata, para vendê-los ao pessoal das fazendas de criação. O sítio escolhido foi o primeiro de relêvo suave a partir do limite da mata.

Perto da vila Sêca existe também um hotel de veraneio.

As plantas das vilas de Ana Rech e Sêca diferem profundamente no traçado.

Em Ana Rech, um grande número de casas distribui indiferentemente em desobediência a qualquer plano. Em Sêca, ao contrário, as casas têm uma disposição linear, ao longo das duas estradas.

Ana Rech cresceu dentro de uma propriedade, onde havia um caminho sinuoso que percorre um terreno acidentado. Esse caminho não representava muita coisa para o crescimento do núcleo em si. Ele só era talvez importante para as suas comunicações com Caxias do Sul. Pode-se, assim, dizer que Ana Rech teve um «desenvolvimento espontâneo».

Sêca, por seu lado, surgiu do entroncamento das duas estradas. O seu crescimento fez-se ordenadamente. Hoje em dia

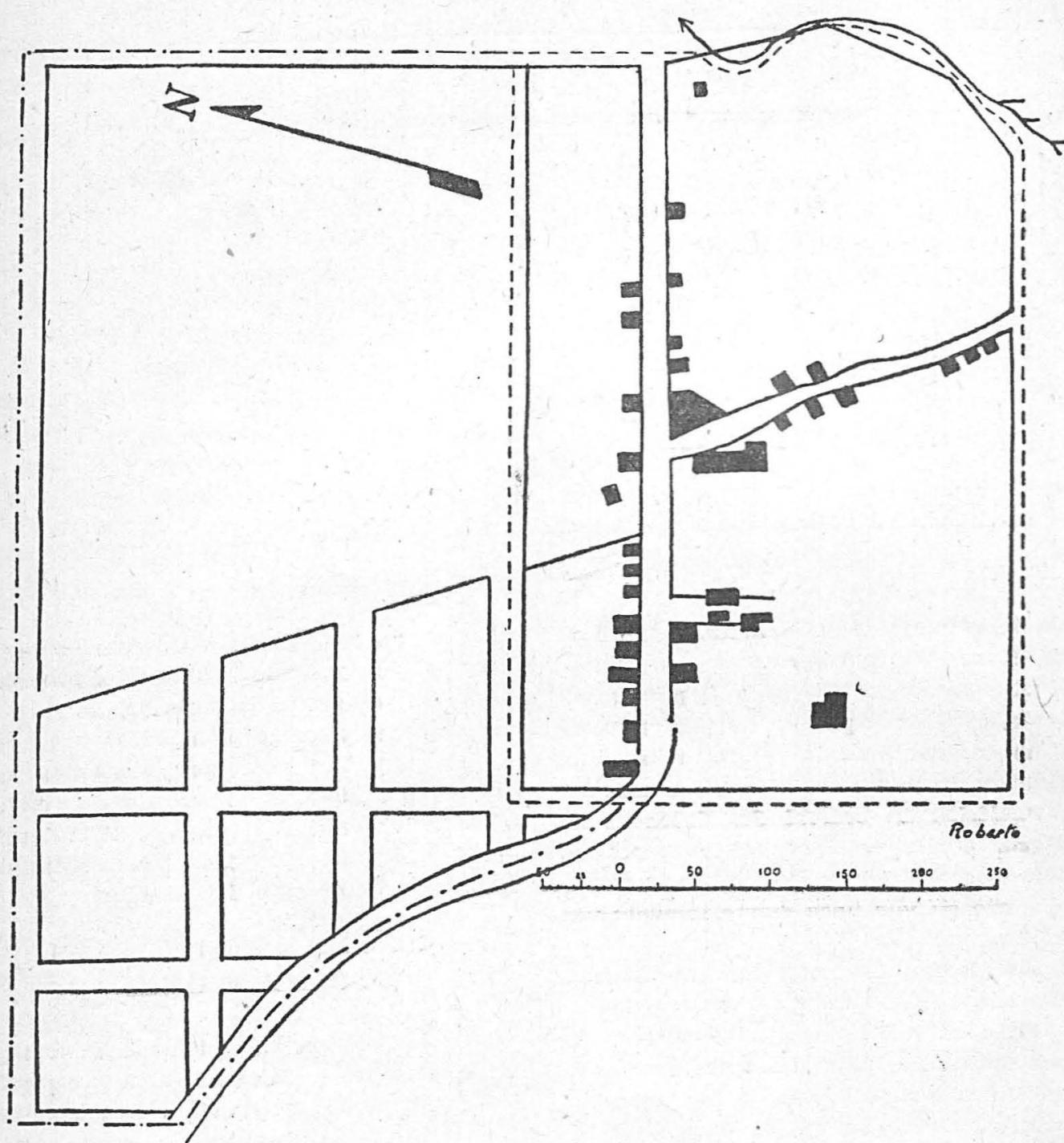
além da parte já construída, aparece também na planta o xadrez das ruas projetadas. Ao contrário, da anterior, Sêca teve um «desenvolvimento planejado».

Das quatro vilas que visitamos no município de Caxias do Sul, duas tiveram «desenvolvimento espontâneo»: Ana Rech e Galópolis; duas tiveram «desenvolvimento planejado»: Sêca e São Marcos.

## XII — CONSIDERAÇÕES SÔBRE AS COLONIAS ITALIANAS

Certos setores da atividade econômica no Planalto alcançaram uma prosperidade tal, que são de molde a entusiasmar o visitante. Entretanto, ela ainda está longe do limite de suas possibilidades.

Os colonos italianos aproveitaram brilhantemente toda a oportunidade para o desenvolvimento industrial. Já a situação atual da agricultura não é das mais animadoras, exceção feita da viticultura. O trigo por exemplo, embora produzido em condições primitivas, tem a sua indústria correlata. O município de Caxias do Sul conta presentemente com 35 moinhos de trigo. Dentre êles, só um importa grão da Argentina para a moagem, a fim de complementar a produção local. No ano passado



35 — Planta da vila Sêca

pela primeira vez, o trigo produzido excede o consumo interno.

Ora, uma indústria nos padrões modernos não pode estar baseada numa agricultura tipo absoleto. Talvez a futura concorrência nos mercados leve os produtos do trigo de Caxias do Sul, a cultivá-lo intensivamente. A administração deve orientar nesse sentido os colonos, tal como procedeu com a cultura da uva.

Climáticamente a zona do Planalto está quase toda situada na faixa altitudinal

que, nos países tropicais hispano-americanos, é denominada *tierra fria*. A média anual das temperaturas nesta faixa corresponde à das zonas temperadas: ela está sujeita a geadas e neves. Em Caxias do Sul, por exemplo, ocorrem geadas anualmente, de abril a novembro. As nuvens aí são freqüentes, mas não infalíveis cada ano.

O clima do Planalto é especialmente

**Da educação e da cultura** — A educação dada no lar se completa na escola, ministrada pelos poderes públicos ou de iniciativa particular, e é submetida às leis disciplinares.

**Des servidores públicos** — Os cargos e funções públicas são acessíveis a todos os brasileiros.

**Da Brigada Militar** — A Brigada Militar é instituída para segurança interna e manutenção da ordem, é força auxiliar nos termos da Constituição Federal.

**Da Polícia Civil** — É função da Polícia Civil garantir a segurança pública e individual e colaborar com a justiça.

**Disposições Gerais** — O Estado terá como insígnia oficial o pavilhão tricolor da República do Piratini e adotará igualmente o Hino Farroupilha. A cidade de Pôrto Alegre é a capital do Estado e nela o governo tem sua sede.

A constituição vigente é datada de 8 de julho de 1947, no 125º ano da Independência e no 58.º da República.

#### CARACTERÍSTICAS GEOGRAFICAS

**1 — Situação** — O Rio Grande do Sul é um estado marítimo, situado no extremo sul do Brasil.

**2 — Limites** — Limita-se ao norte com a República Argentina e o Estado de Santa Catarina; a leste com o Oceano Atlântico; ao Sul, a República do Uruguai; e a oeste com a República Argentina.

**3 — Superfície** — Segundo cálculo da Seção de Geografia da DTC, em cooperação com o Diretório Regional de Geografia, órgão local do IBGE, a área do Rio Grande do Sul é de 281.706 km<sup>2</sup>, sendo a área propriamente dita 268.706 km<sup>2</sup>, a superfície lagunar de 12.991 km<sup>2</sup>.

**4 — População** — Pelo recenseamento do IBGE de 1950 a população do RGS é de 4.645.290 habitantes, tendo aproximadamente 12 habitantes por km<sup>2</sup>.

**5 — Litoral** — O litoral riograndense do sul é muito extenso (730 km). Na zona norte, eleva-se e é movimentado. Forma duas alongadas restingas: a do Estreito Pernambuco e a do Albardão. Regularmente recortado, sobretudo dentro da lagoa dos Patos, apresenta muitas ilhas lacustres merecendo citação: as de Barba Negra e Canguçu, na lagoa dos Patos, e a dos Latinos, na lagoa Mirim.

**6 — Lagoas** — As lagoas são freqüentes no litoral, destacando-se as dos: Patos, Mirim e Mangueira. As duas primeiras se comunicam pelo canal de São Gonçalo e a dos Patos se comunica com o oceano pelo canal de Rio Grande do Sul. A lagoa dos Patos é a maior do Brasil. Outras lagoas: Itapeva, Quadros e Rincão das Eguas. A superfície lagunar é de 12.991 km<sup>2</sup>.

**7 — Rios** — I) Pertencentes à bacia do rio da Prata, citam-se: a) o rio Uruguai que nasce com o nome de Rio Pelotas e separa o Rio Grande do Sul de Santa Catarina e da Argentina. Seus principais afluentes, pela margem esquerda, são os rios Passo Fundo, Várzea e Ijuí-Guaçú. O mais importante de seus afluentes é o Ibicuí-Grande. Na divisa com o Uruguai, o rio Quarai. b) O Rio Negro, que logo penetra no Uruguai, tendo curso curto no Rio Grande. Como afluente tem pela margem direita, o arroio São Luiz.

II) Pertencentes às bacias orientais e desaguando diretamente no Atlântico enumeram-se: o Mampituba no limite com Santa Catarina e os Arroios Chuí e São Miguel. Desaguando na Lagoa dos Patos, têm-se: o Gravataí, o Sinos e Jacuí com seus afluentes: Taquarí, Sinos e Vacacai, e o Camaquã. No canal de São Gonçalo desaguam: O Jaguarão e seus afluentes: Jaguarrão, Chico e Mina.

**8 — Clima** — O clima do Rio Grande do Sul classificado como sub-tropical. As chuvas são abundantes e distribuídas por todo o ano com certa regularidade, atingindo o máximo no inverno. Em todo o Estado, os invernos são frescos e, no planalto, mesmo os verões são amenos, acentuando-se as diferenças de temperatura entre as duas estações a medida que se caminha para o sul. Nos vales é comum a ocorrência das geadas e nas partes mais elevadas do planalto já se têm registrado quedas de neve.

**9 — Relêvo** — Em geral o relêvo riograndense é representado por grandes planuras que cobrem o sul e o oeste do Estado: as conhecidas coxilhas gaúchas. No nordeste, entretanto, aparecem elevações importantes, pertencentes à Serra Geral.

**10 — Vegetação** — Grosso modo, as terras planas são revestidas por campos, ao passo que as matas ocorrem nas encostas dos vales e nas áreas acidentadas do planalto.

lhor, fazendo-se o paralelo entre duas áreas povoadas na mesma época, com gente da mesma origem e submetidas a condições mesológicas semelhantes. É o caso da Borda do Planalto e as outras zonas coloniais italianas. Aquela é atravessada em tóda a sua extensão por estrada de ferro. Isto foi suficiente para trazer-lhe maior progresso e gerar as diferenças de paisagem já apontadas.

As comparações sucessivas de duas colônias dentre as várias que foram estudadas neste trabalho, viriam demonstrar a influência ora de uns, ora de outros desses elementos, atuando em conjunto ou isolados.

São portanto três os fatores que condicionam o progresso de uma colônia, que podem ser assim classificados de acordo com a sua ordem de importância:

1. Comunicações.
2. História.
3. Relêvo.

São pois elementos econômicos e históricos, mais do que os puramente geoló-

gicos, os que devem ser considerados no estudo da colonização.

Os princípios que deduzimos de nossos trabalhos de campo estão, por conseguinte, em inteiro desacordo com a tese determinista, e, a meu ver, constituem para esta, mais um sério revés.

Estes princípios dão também um golpe de morte nas idéias que ainda hoje circulam, de que o Brasil deve ser povoado em núcleos espalhados por todo o interior; êste nosso interior a distâncias incríveis dos mercados e da civilização e geralmente servido por péssimas estradas. . .

Estas idéias têm tido aceitação por par-

te daqueles que não conhecem o interior do nosso país, se o conhecem, não souberam organizar suas idéias partindo da observação direta.

Já há cerca de 100 anos, o governo do Rio Grande do Sul reconheceu êsse êrro e, em 1875, orientou sua colonização segundo nova diretriz. Mas a lição foi infelizmente esquecida.

ARAÚJO, L. C. 1930 — *Memórias sobre o clima do Rio Grande do Sul*: III -|- 101 pp. 17 mapas -|- 2 gráficos. Rio de Janeiro, Tip. do Serviço de Informações do Ministério da Agricultura.

CABRAL, O. R. 1937 — *Santa Catarina*: 145 pp., 10 est., S. Paulo, Companhia Editora Nacional.

DECKER, J. S. 1936 — *Aspectos Biológicos da Flora Brasileira*: II -|- 640 pp., 206 fig. -|- 1 mapa. São Leopoldo, Rotermund & Cia.

DUARTE, E. 1946 — *O centenário da colonização alemã no Rio Grande do Sul. 1824-1924*. (Coletânea organizada pelo Dr. . . . secretário perpétuo do Inst. Hist. Geogr. do Rio Grande do Sul): I -|-259 pp., Pôrto Alegre, Tipografia do Centro, S. A.

FRANCO, A. 1943 — *Abramo já tocou...* XXXI -|- 279 pp., 52 est. São Paulo, Emp. Gráfica da «Revista dos Tribunais» Ltda.

LINDMAN, C. A. M. 1906 — *A vegetação no Rio Grande do Sul*: V -|- 359 pp., 69 est. -|- 2 mapas. Pôrto Alegre. Tipografia da «Livraria Universal» Tradução portuguêsa de ALBERTO LÖFGREN.

MACHADO, F. P. — *Contribuição ao Estudo do Clima do Rio Grande do Sul*. Inédito

- MARTINS, R. 1941 — Quantos Somos e Quem Somos: X -|- 217 pp., Curitiba, Empresa Gráfica Paranaense.
- OLIVEIRA, A. I. & LEONARDOS, O. H. 1943 — Geologia do Brasil: VIII -|- 813 pp., 202 fig. -|- 33 est. -|- 1 carta, 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- PETRY, L. 1944 — O Município de Novo Hamburgo. 128 pp., 23 figs. -|- 1 mapa. Tip. do Centro S. A.
- idem 1936 — História da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul: III -|- 99 pp., 3 fig. São Leopoldo, Rotermund & Co.
- PIMENTEL, F. — Aspectos Gerais de São Leopoldo (panfleto avulso), sem data.
- idem — O Rio Grande do Sul e Suas Riquezas: I -|- 730 pp., 252 fig. -|- 33 mapas -|- 5 gráf. Pôrto Alegre, Livraria Continente.
- PÔRTO, A. 1934 — O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul: I -|- 277 pp., 30 fig. -|- 1 mapa. Pôrto Alegre, Est. Graf. Santa Teresinha.
- TRUDA, F. L. 1930 — A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul: II -|- 147 pp., Pôrto Alegre, Tipografia do Centro.
- Vários, 1925 — Cinquentenário della Colonizazzone Italiana nel Rio Grande del Sud: VIII -|- 325 pp., 265 fig. -|- 2 mapas -|- 2 plantas. Pôrto Alegre, Livraria do Globo.
- WAIBEL, L. 1948 — «A teoria de von Thünen sobre a influência das distâncias do mercado no uso da terra. Sua aplicação à Costa Rica». Rev. Bras. Geogr. X, pp. 3-40, Rio de Janeiro.

